

RESPOSTA AO DICK O. EUGENIO E DIANE LECLERC
Daniel Gomis
Região da África

“Quem vocês dizem que eu sou?” A pergunta de Jesus aos seus discípulos é um chamado ao testemunho. A resposta do apóstolo Pedro – inspirada por Deus – ultrapassa a barreira do tempo e tem se tornado um princípio universal da fé cristã, mas também tinha elementos contextuais. Esses elementos contextuais certamente já foram discutidos por teólogos. Fazer a mesma pergunta aos membros da Igreja do Nazareno no século XXI também conterá tanto elementos universais quanto contextuais.

Em sua resposta a essa pergunta, Diane Leclerc brilhantemente desvenda o fio de humildade através da Pessoa de Jesus e as maiores fases de Seu ministério-Batismo, Tentação, Crucificação e Ressurreição – como o elemento universal e amor pelo pobre e pelo oprimido como algo contextual. Como ela resume de forma bem apta: “...a humanidade de Jesus revela a humildade de Deus” e “...Jesus experimentou o abandono de Deus e pode simpatizar-se com os esquecidos de Deus”.

A resposta de Dick Eugenio a pergunta de Jesus é explorada através do tema de obediência-da encarnação de Jesus a sua ressurreição – como elemento universal e o proposto elemento contextual é que “...a semelhança de Cristo precisa ser fiel a identidade trinitária de Jesus-Cristo”.

Eu entendo a pergunta “Quem vocês dizem que eu sou” feita por Jesus aos Seus discípulos em qualquer tempo da história querendo dizer: “O quão relevante eu sou para você hoje, no seu contexto e na sua realidade de todos os dias?” É uma questão de encontrar o equilíbrio entre elementos universais e contextuais na vida e na pessoa de Jesus.

Diane Leclerc afirma que: “Verdadeira adoração é a adoração ao verdadeiro Deus. Mas quem é o verdadeiro Deus? O Deus cuja característica essencial é amor, é também essencialmente humilde, como revelado na humanidade de Jesus, o Cristo”.

A humildade parece ser o valor ético mais compartilhado entre várias culturas. Entretanto, um “Deus humilde” parece um oxímoro para muitos que vivem o evangelho em áreas de resistência e em culturas de visão de mundo baseada em poder e medo. Os que vivem em culturas baseadas em poder e medo preferem ver Deus como um protetor poderoso e onipotente que enviou o Seu filho para destruir o trabalho do maligno. Deus ainda tem a característica essencial do amor, mas também será um Guerreiro Poderoso.

“O que significa ser um filho obediente do Pai e depender do Espírito Santo como humano hoje?” A pergunta pertinente de Eugenio-colocada no contexto das culturas que têm uma visão de mundo de poder e medo e das pessoas vivendo em um modo de terrível pobreza e sobrevivência- terão uma interpretação e aplicação diferente.

Para alguns, isso significa um escapismo, por exemplo, uma fuga da realidade, “...esse cristianismo coloca grande ênfase em não ser influenciado pelo que você vê e sente ao seu redor. Ignore a sua situação; você deve acreditar no que a Bíblia diz”¹. E Gifford, autor de *Ghana's New Christianity*, menciona um hino escrito por um compositor do oeste africano com as seguintes palavras: “Eu não sou movido pelo que eu vejo, Aleluia/Eu não sou movido pelo que eu ouço, Aleluia/Eu não sou movido pelas minhas circunstâncias, Aleluia/Eu só sou movido pela Palavra de Deus, Aleluia.” Obediência nesse contexto significa estar contente com uma situação, porque ela foi ordenada por Deus e devemos “buscar primeiro o Reino de Deus” enquanto esperamos o Arrebatamento.

Em áreas resistentes ao evangelho onde o Islamismo é religião majoritária, o conceito de pecado como culpa é quase inexistente, como explicado pelo missiologista Lamin Sanneh em sua autobiografia: “Nós crescemos sem o sentimento de que precisaríamos julgar as chances dos outros em relação a salvação. A verdade é que não nos preocupávamos muito

¹ *Ghana's New Christianity. Pentecostalism in a Globalizing African Economy*. Paul Gifford. Indiana University Press, 2004. P.71.

nem com as nossas próprias chances ... Na minha linguagem, o conceito de culpa como uma disposição moral não existe, ao mesmo tempo que vergonha como violação social é bem conhecida²”.

Eu pessoalmente lembro de ver um folheto cristão explicando a salvação com a imagem de uma mão carimbando num papel a palavra: Pago! Estava explicando como os meus pecados foram pagos pela morte de Jesus na cruz. Eu comecei a compartilhar a perspectiva da salvação sem me relacionar de verdade com ela. Intelectualmente, eu entendia que eu havia sido salvo, mas meu contexto de medo/poder e honra/vergonha – que simplesmente precisava de respostas simples e práticas para minhas angústias diárias- não entendia.

Como alguém pode aplicar, então, a seguinte pergunta de Eugenio: “O que significa a imitação de Cristo em relação ao desafio de Jesus de que temos que ser nascido do Espírito (João 3:5-7)” numa cultura de visão de mundo de vergonha e honra?

A Igreja do Nazareno na África continuará compartilhando as Boas Novas na próxima década nessas duas maiores visões de mundo: Medo/Poder e Honra/Vergonha.

Honra e Vergonha é a visão cultural de mundo de 65% do planeta e 90% dos não alcançados. E, de acordo com a Análise Global de Lausanne: “a cultura ocidental está tornando-se mais orientada pela vergonha. Entretanto, o cristianismo ocidental enfatiza aspectos legais da salvação como perdão de pecados e inocência. Missões em contextos ocidentais devem oferecer soluções bíblicas para pessoas que dizem: ‘Até se eu for inocente, eu não posso levantar a minha cabeça, porque estou cheio de vergonha’ (Jó 10:15).”³

² *Summoned from the Margin. Homecoming of an Africa*. Lamin Sanneh. Eerdsman Publishing Co. 2012.

³ <https://www.lausanne.org/content/lga/2017-03/the-good-news-for-honor-shame-cultures?>

O desafio é reexaminar e redescobrir a nossa doutrina wesleyana de santidade, especialmente na nossa perspectiva de graça preveniente, pecado, salvação, Espírito Santo e santificação na perspectiva dessas visões de mundo.

Leclerc faz um caminho interessante de exploração na sua definição de santificação como sendo "...a renovação da imagem de Deus em nós". Será útil não somente explicar a função de nossa renovação à imagem de Deus em nós, mas também expandí-la para uma renovação holística – mente, corpo, alma e seu impacto no nosso contexto direto. O foco precisa ser na transformação interna resultando num impacto externo e na presença e relevância do nosso mundo.

"O relacionamento de dependência de Jesus com o Espírito Santo, em essência, não é diferente de Seu relacionamento de obediência com o Pai. No centro dos dois relacionamentos está a *kenosis* de Jesus." (Eugenio). Essa declaração descrevendo a "interdependência trinitária" é vividamente pintada no episódio do Getsêmane que "...mostra a angústia genuína de Jesus para a sua total obediência". Entretanto, a "interdependência trinitária" tem um ser humano-Jesus- nela, que representa a nossa humanidade e a expressa quando Ele disse a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu: "A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo" (Mt 26:38). Este é um convite para ser parte desse lamento, mas também para entrar na "interdependência trinitária". É um convite para nós, que somos menos que humanos, para nos tornarmos totalmente humanos, como Leclerc apresenta de forma bela: "A santidade tem um conteúdo positivo que é o amor. Fomos criados para amar. *Quando amamos como Deus designou, somos santos e totalmente humanos*" (itálicos meus).

"A minha comida," disse Jesus, "é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra" (João 4:34). Na minha visão, essas palavras de nosso Senhor captam a descrição de

Sua natureza e missão, explicadas por Diane Leclerc como humildade e por Eugenio como obediência em seus papéis.

Eu estou feliz por ver a nossa Igreja lidando com a questão principal da identidade de Jesus em um momento como esse. Como igreja, somos o povo wesleyano de santidade que tem uma contribuição para fazer no grande corpo de Cristo ao trazer o otimismo de graça em nossa discussão com as nossas culturas, nossas cidades e nas maiores injustiças do mundo.

O mundo precisa ouvir o que cremos: Cristo Jesus é Vitorioso sobre o pecado (ou por causa da culpa, vergonha ou medo), sobre Satanás, sobre a morte e, como Leclerc apresenta: “Cremos que o poder do pecado foi derrotado e que podemos viver uma nova vida no poder do Espírito aqui - seja nas ruas de Soweto, na selva do Rio Amazonas, no arranha-céu de Cingapura ou nos subúrbios de Kansas City- e agora.